



***Nihonjin*: realismo e conciliação cultural**

NAKASATO, O. *Nihonjin*. São Paulo: Benvirá, 2011. 176 p. ISBN 978-85-021-3108-8

Milton Hermes Rodrigues

Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, 87020-900, Maringá, Paraná, Brasil. E-mail: mhrodrigues@uem.br

Nihonjin (São Paulo: Benvirá, 2011), de Oscar Nakasato, é um romance de leitura fácil: nenhuma complicação estrutural (apesar do jogo cronológico), nenhum experimentalismo linguístico. E isso não quer dizer, claro, que romances formalmente ‘desorganizados’ sejam de leitura desagradável, nem que a simplicidade linguístico-estrutural minimize o valor de uma narrativa. Quer dizer apenas que a história flui com naturalidade. A não ser por algumas chamadas enunciativas que lembram as fontes de que se serviu o narrador para compor seu memorialismo, a história se desenvolve em tom e em ritmo ligeiros (Calvino não pedia ‘rapidez’?) que prendem o leitor ao enunciado, à história. Contribuem para essa naturalidade, entre outros fatores, as expressões japonesas sem tradução (designações de parentesco, principalmente), segundo um projeto realista de inserção mais direta e profunda do leitor no quadro dos confrontos culturais descritos.

Em termos bastante sintéticos, trata-se da história de uma família de imigrantes japoneses que se estabelece, no início do século passado, numa fazenda do interior do Estado de São Paulo, indo residir, depois, com os descendentes, na cidade de São Paulo, na Liberdade. Hideo chega do Japão com a esposa, Kimie, que morre algum tempo depois. Ele então se casa com Shizue e juntos têm seis filhos, entre eles Hanashiro (importante fonte de informação familiar para o narrador), Sumie (depois mãe de Noboru, o narrador) e Haruo, o filho rebelde. Neste personagem parece residir a maior força dramática do romance. Em contato com a realidade brasileira (da educação escolar, por exemplo), Haruo vive conflituosamente a herança cultural dos pais. Prefere ser ‘brasileiro’, o que o indis põe definitivamente com o pai, nacionalista ardoroso já adulto, Haruo aceita e defende, contra interesses perigosos, a derrota do Japão na Segunda Guerra, e nega a origem divina do imperador, pelo que acaba assassinado.

Nestes tempos de apreço pelos estudos sobre o ‘entrelugar’ cultural, sobre os contatos interculturais,

supõe-se que o romance acabe sujeitando-se à rotulação crítica, talvez acadêmica, o que pode ratificar seus méritos. Temos informações de que a sua concepção nasceu de pesquisas acadêmicas nessa ‘linha’, sem que esses estudos constrangessem a mobilidade inventiva que a ficção permite. Entre o modismo acadêmico e o apelo interior talvez prevalecesse este. O romance se impôs ao autor, parece, por um impulso que mistura memória familiar e, no contexto das relações comunitárias, experiência pessoal. Vale, portanto, por um testemunho étnico-cultural: “é bem isso”, disseram alguns leitores descendentes de japoneses, considerando os acontecimentos narrados.

Destaquemos aqui, com preocupação mais ou menos culturalista, essa opção pelo realismo e, como consequência, o esforço empregado pelo narrador para manter equilibrado o antagonismo das forças em jogo. Desse esforço resultou o abrandamento paulatino das diferenças, conforme exigia o movimento histórico desse tipo de embate cultural. É realista, por exemplo, a recusa do narrador em atenuar a situação de inferioridade das mulheres nihonjins no contexto da vida familiar, como o demonstra o caso de Kimie, primeira mulher de Hideo. A rudeza do marido nos chega pela ‘visão’ do narrador, que nos mostra uma pobre coitada e toma (talvez não tão discretamente) o partido dela, como notamos na poeticidade com que nos fala de sua morte, que ‘chegou lentamente’, misturando infelicidade matrimonial e saudade da terra natal, definhamo a que não faltou o delírio emoldurado pela neve no trópico: “A neve cobria a terra. Saiu, correu até o cafezal, correu entre os pés de café [...]” (NAKASATO, 2011. p. 43). Essa impossibilidade climática, contrapondo dois modos de sentir o mundo, de pensar as relações humanas, se apresenta como um paradigma das dificuldades encontradas pelo imigrante nipônico no Brasil, não apenas no plano do enfrentamento geográfico e do ‘outro’. Trata-se ainda de resistência psicológica fundada em convicção identitária nutrida pelo sentimento de superioridade. Tornava-se inevitável, portanto, a experiência do enfrentamento, dos conflitos. O romance tematiza o nascimento, a

evolução e o arrefecimento (relativo, que seja) das forças motrizes desses conflitos.

Se pensamos na macroestrutura narrativa, aquela totalizante, reduzida ao conflito maior e elementar, nos inclinamos a admitir, embora incidindo no óbvio, que esse conflito contrapõe a cultura do imigrante à cultura autóctone, com toda a diversidade que esta carrega. Esse conflito adquire maior carga tensiva na medida em que a resistência desse imigrante se enrijece, se exacerba, configurando-se como trincheira mental e ideológica que a realidade local, aliada a acontecimentos mundiais traumáticos forçam a superação com o tempo (o de duas gerações). Visto mais de perto, esse confronto se revela, por exemplo, na dura oposição de Hideo à amizade entre Kimie e a negra Maria, responsável pela mezinha que curou a imigrante, certa vez, de doença desconhecida. O ‘outro’ (no caso, a ‘outra’) de repente não é tão mau assim (nem é mau), e Hideo se obriga a agradecer o gesto, embora ainda arisco. Passados alguns anos – eis outro exemplo –, Hideo se esforça para corrigir o filho rebelde, Haruo “Na escola você é brasileiro, em casa você é nihonjin” (NAKASATO, 2011, p. 64), diz-lhe em certa ocasião, e novamente descobre que o ‘outro’ pode ser bom: ao punir o menino com a expulsão de casa por uma semana, viu-se na contingência de aceitar que uma família italiana acolhesse o desgarrado.

Outras situações demonstram a assimilação (parcial que seja) do ‘outro’ pela reversão daquela visão (cultural) negativa; e chegamos mesmo ao instante em que o ‘outro’ que amedronta provém da própria comunidade japonesa, que se divide (chegando mesmo ao crime) a propósito da derrota japonesa na Segunda Guerra e da divindade do imperador. O narrador, ainda aqui, conserva-se refratário ao maniqueísmo barato, procurando segurar-se nesse realismo que se quer culturalmente imparcial e, ao mesmo tempo, supõe, em relação aos conflitos, à conciliação, ou, pelo menos, ao

arrefecimento da resistência ao gaijin e seu mundo. Não se trata de uma redução simplória do problema. O narrador recusa soluções românticas. Sanae, uma descendente, se dá mal ao escolher um companheiro gaijin, contra a vontade da família. Por sua vez, Sumie (filha de Hideo, depois mãe de Noboru, o narrador), alertada pela família, recusa um gaijin e se casa, mesmo sem amor, com Ossamu, para depois, arrependida, fugir com o ‘brasileiro’, para, finalmente, com a morte dele, tentar reaproximar-se da antiga família, sem sucesso. Nada neste retorno de Sumie lembra solução romântica, antes o fato se impõe pelo mesmo realismo das circunstâncias, tal como sugere a indiferença com que o Noboru trata a mãe reaparecida. Realismo, como dito, inclinado ao arrefecimento das oposições culturais. Ao fim do romance, vemos que a narrador, descendente de segunda geração, se reúne com amigos para discutir Marx e comer ‘bolinhos de chuva’. Pedro Hideki, filho dele, treina “[...] numa escolinha de futebol com um ex-jogador do Palmeiras [...]” (NAKASATO, 2011, p. 167). Não está no texto, mas a filha advogada, Daniela, talvez gostasse de samba, assim como uma tia dele gostava (agora sem suposição) da ‘novela das oito’.

Para fechar: o arrefecimento dos conflitos implica o adensamento das trocas culturais. Reitera-se, portanto, o esforço conciliador regido pelo compromisso realista.

References

NAKASATO, O. **Nihonjin**. São Paulo: Benvirá, 2011.

Received on October 25, 2013.

Accepted on January 14, 2014.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.